

**A contribuição de Alberto Guerreiro Ramos para a descolonização das
ciências sociais no Brasil¹**

**Gustavo Costa de Souza²
Izadora Pereira Mendonça³**

Este trabalho apresenta, em três partes, uma sinopse da contribuição de Alberto Guerreiro Ramos para a descolonização das ciências sociais no Brasil. Partimos de uma breve apresentação do autor; em seguida destacamos elementos fundamentais de seu pensamento, presente na teoria da Redução Sociológica, atitude metódica requerida ao sociólogo comprometido com o projeto o de existência histórica de sua comunidade, característica perene em sua obra; e, ao final, buscamos exemplificar a sociologia militante proposta por este autor a partir da reflexão referente ao ‘problema do negro’ no Brasil.

Quem foi Alberto Guerreiro Ramos

O sociólogo brasileiro Alberto Guerreiro Ramos, nascido em 13 de setembro de 1915, em Santo Amaro da Purificação-BA, tornou-se reconhecido internacionalmente por seus trabalhos e estudos de grande relevância política e acadêmica. Sua trajetória

¹ Trabalho exposto no GT1 — Descolonizando as ciências sociais: desafios teórico-metodológicos do séc. 21

² Professor Adjunto do Departamento de Administração e Economia da Universidade Federal de Lavras-MG (DAE/UFLA); Doutor em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento pelo Instituto de Economia da UFRJ (PPED/IE/UFRJ); Mestre em Administração Pública (EBAPE/FGV). Contato: gustavocosta@gmail.com

³ Bolsista Institucional de Iniciação Científica (PROEC/UFLA) e Discente do Bacharelado em Administração Pública da Universidade Federal de Lavras-MG (UFLA). Contato: izadora38@hotmail.com

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul
v. 2, n. 1, 2018.

acadêmica começou na Faculdade Nacional de Filosofia no Rio de Janeiro em 1942, tendo se formado um ano depois pela Faculdade de Direito da mesma cidade (FGV-CPDOC, 2001).

Assessorou Getúlio Vargas durante seu segundo mandato, em seguida atuando como diretor do departamento de sociologia do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Este Instituto foi um dos maiores responsáveis pela formação de uma ideologia nacional-desenvolvimentista, desde sua criação até sua extinção em 1964 pelo Regime Militar. Segundo o Decreto 37.608 de 14 de julho de 1955: exposto

O ISEB tem por finalidade o estudo, o ensino e a divulgação das ciências sociais, notadamente da sociologia, da história, da economia e da política, especialmente para o fim de aplicar as categorias e os dados dessas ciências à **análise e à compreensão crítica da realidade brasileira**, visando à elaboração de instrumentos teóricos que permitam o incentivo e a promoção do desenvolvimento nacional (Decreto 37.608/1955. Grifo nosso)

Em 1960, ele se filiou ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), e concorreu às eleições para deputado pelo Estado Guanabara, pela legenda da Aliança Socialista Trabalhista, e como resultado obteve a segunda suplência. Em agosto de 1963 obteve uma vaga na Câmara dos Deputados, da qual fez parte até abril de 1964, quando seus direitos políticos foram cassados pelo Ato Institucional nº 1 (FGV-CPDOC, 2001).

Além disso, foi no transcorrer de sua vida profissional e acadêmica técnico de administração do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), professor visitante da Universidade de Santa Catarina, professor da Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas (EBAP-FVG), no Departamento Nacional da Criança e dos cursos de sociologia e problemas econômicos e sociais do Brasil, criado pelo DASP, secretário do Grupo Executivo do BNDE, assessor da Secretária de Educação da Bahia, e atuou também como delegado do Brasil junto à ONU, além de realizar estudos e conferências em vários países. Deixou o país em 1966, radicando-se nos Estados Unidos, onde passou a lecionar na Universidade do Sul da Califórnia (FGV-CPDOC, 2001).

Pensamento⁴

O viés crítico de sua obra caracterizou-se, essencialmente em sua época, não menos pelo incessante combate ao positivismo provinciano brasileiro no estudo das ciências sociais quanto pela originalidade de suas proposições, verdadeiras obras-primas de solidez teórica e metodológica (BRIGAGÃO, 1995).

No prefácio à segunda edição de sua obra teórica mais importante, ‘A Redução Sociológica’, de 1965, Guerreiro Ramos apresenta crítica à sociologia convencional:

No Brasil, dizíamos, o trabalho sociológico reflete também deficiência da sociedade global, a dependência. No caso, a dependência se exprimia sob a forma de alienação, visto que habitualmente o sociólogo utilizava a produção sociológica estrangeira, de modo mecânico, servil, sem dar-se conta de seus pressupostos históricos originais, sacrificando seu senso crítico (...). ‘Sociologia enlatada’, ‘sociologia consular’, era em grande parte a que se fazia aqui (RAMOS, 1965:13-14).

Um dos princípios norteadores de toda a obra de Guerreiro Ramos define-se pela recusa quanto à “assimilação literal e passiva dos produtos científicos importados” (RAMOS, 1965, p. 80). Dessa forma, o autor elaborou um cuidadoso procedimento metodológico, a Redução, tendo por objetivo promover a capacidade sistemática de absorção crítica de tais produtos. Esse método foi conceituado nos seguintes termos:

No domínio restrito da sociologia, a redução é uma atitude metódica que tem por fim descobrir os pressupostos referenciais, de natureza histórica, dos objetos e fatos da realidade social. A redução sociológica, porém, é ditada não somente pelo imperativo de conhecer, mas também pela necessidade social de uma comunidade que, na realização de seu projeto de existência histórica, tem de servir-se da experiência de outras comunidades.

Em outras palavras, a redução sociológica consiste em esforço exaustivo a fim

⁴ Para um apanhado mais amplo da obra e do pensamento de Alberto Guerreiro Ramos, recomendo a leitura de meu artigo publicado nos *Cadernos EBAPE*, vol.13 no.3 Rio de Janeiro jul./set. 2015, disponível no link: <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v13n3/1679-3951-cebape-13-03-00438.pdf>, bem como a edição especial publicada por ocasião de seu centenário, disponível no link: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1679-395120150007&lng=pt&nrm=iso.

de excluir da análise de determinada realidade social os elementos que possam vir a obscurecer a percepção dos significados que a compõem. Guerreiro Ramos (1965) descreve a redução sociológica como uma metodologia detalhista, entremeada por valores e pressupostos, imbricada especialmente nos contextos e que, por isso, nunca considerará possível a existência de realidades sociais iguais. Além disso, ela atrai para si a necessidade de ser sustentada por um processo social coletivo que vise a submeter a prática da adoção de modelos estrangeiros a “apurados critérios de seletividade” (RAMOS, 1965, p. 84).

Para Guerreiro Ramos (1957), a existência do sociólogo brasileiro somente era justificada pela necessidade de envidar todo o seu empenho no sentido de criar condições que conduzissem o país à maturidade social e econômica. Ao mesmo tempo, defendia a ideia de que a sociologia brasileira, uma vez libertada de compromissos com a burocracia cartorial e consciente da impossibilidade contextual de admitir indiscriminadamente os padrões externos, estaria capacitada a contribuir de modo decisivo para os esforços de construção nacional.

Esse molde de sociologia militante foi denominado por Guerreiro Ramos (1957: 97) “sociologia em mangas de camisa”. Em outras palavras, para Guerreiro Ramos (1957), um país somente poderia desenvolver-se à medida que fosse capaz de compreender a dinâmica do contexto socioeconômico peculiar ao seu momento histórico, abominando a transferência acrítica de experiências forasteiras. Nesse processo, os sociólogos seriam os peritos, por excelência, mais credenciados a levar a termo esse novo tipo de visão.

Exemplo de sua sociologia militante: o ‘problema do negro’ na sociologia brasileira⁵

⁵ Para maior aprofundamento sobre a discussão sobre o ‘problema do negro’ no Brasil, ver a edição especial do *Caderno CRH*, Salvador, v. 28, n. 73, Jan./Abr. 2015. Disponível no link: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0103-497920150001&lng=pt&nrm=iso.

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul
v. 2, n. 1, 2018.

No trabalho intelectual de Guerreiro Ramos percebemos marcante preocupação em realizar uma avaliação do pensamento social brasileiro. Nosso autor considerava que “há todo um complexo de heteronomia e de hipercorreção no trabalho de pesquisa, na América Latina, que necessita da meditação do sociólogo” (RAMOS, G. 1957:117). Para construir uma sociologia autêntica, fazia-se necessário tomar o caminho empírico-indutivo, isto é, partir da situação concreta para o plano teórico, partir da experiência para a regra.

Propunha, por fim, uma autocrítica da sociologia brasileira. Para Guerreiro Ramos, o critério para aferição da validade das ideias é a sua congruência com os fatos. “A ciência é uma forma de consciência do real historicamente vivido e, assim, na medida em que é concreta, exprime a dinâmica objetiva dos fatores naturais ou sociais” (RAMOS, 1957:120).

A ‘sociologia enlatada’ provia uma percepção ilusória da realidade do país. E um dos exemplos que Guerreiro Ramos apresenta para ilustrar essa deficiência da sociologia nacional é o tratamento que deu ao ‘problema do negro’.

Guerreiro Ramos identificou três correntes fundamentais dos estudos sobre o negro no Brasil. A primeira, fundada por Sylvio Romero e continuada por Euclides da Cunha, Alberto Torres e Oliveira Viana, caracterizava-se pela atitude crítico assimilativa em face da ciência social estrangeira. Seus autores, a despeito de suas diferentes orientações teóricas, estavam mais interessados em formular uma teoria do tipo étnico brasileiro, fundada na ideia de mestiçagem, do que em extremar as características peculiares de cada um dos contingentes formadores da nação. Viam o negro preponderantemente em devir, em processo, o que contribuía para arrefecer as tendências à sua consideração como um problema. Guerreiro Ramos considerou que estes autores, mesmo errando em focalizar o tema ‘raça’, souberam vencer a tentação de tratar o negro no Brasil como elemento

exótico, petrificado, magístico, elemento estranho na comunidade.

A segunda corrente, que chamou de monográfica, foi fundada por Nina Rodrigues e continuada nas obras de Arthur Ramos, Gilberto Freyre ‘e de seus imitadores’. Nesta corrente, o negro se torna ‘assunto’, tema de especialistas, chamando atenção para os chamados afro-brasileiros, mais com um caráter folclórico do que propriamente sociológico. “Interessava-lhes o passado da gente de côr ou as sobrevivências daquele no presente” (RAMOS, 1957:128). Esta corrente adotava ponto de vista estático, acentuando minuciosamente o que na ‘gente de côr’ a particularizava em comparação com os restantes contingentes étnicos da comunidade nacional.

A crítica maior de Guerreiro Ramos é justamente a esta corrente que considerava o negro como tema. “Uma coisa é o negro-tema; outra, o negro vida” (RAMOS, 1957:171). Para ele, o negro como problema era uma manifestação do desejo de ser branco que afeta a inteligência colonizada. Dizia ele que:

O processo de europeização do mundo tem abalado os alicerces das culturas que alcança. A superioridade prática e material da cultura ocidental face às estruturas não-européias promove, nestas últimas, manifestações patológicas. Existe uma patologia cultural que consiste, precisamente, sobretudo no campo da estética social, na adoção pelos indivíduos de determinada sociedade, de padrão estético exógeno, não induzido diretamente da circunstância natural e historicamente vivida. É, por exemplo, este fenômeno patológico o responsável pela ambivalência de certos nativos na avaliação estética. O desejo de ser branco afeta, fortemente, os nativos governados por europeus (RAMOS, G. 1957:152).

Esta patologia refletia-se no problema da falta de suficiência da comunidade, do autodesprezo, de um sentimento coletivo de inferioridade, da renúncia a critérios naturais de vida em benefício de critérios artificiais, dogmáticos ou abstratos. Por trás dos estudos da questão do negro que se rotulavam sociológicos ou antropológicos, Guerreiro Ramos desvendou a ideologia da brancura ali presente para, então, desmontá-la: “toda essa corrente sócio-antropológica exprime antes um problema do branco brasileiros (sic)

ou latino-americano do que um problema do negro” (Ramos, 1953a *apud* Campos, 2015:100).

O ‘problema do negro’ é visto, assim, como uma ilusão, uma alienação “produzida por uma sociedade que se quer branca, mas não o é, nunca foi e nunca o será” (Campos, 2015:100). O ‘problema do negro’, tanto quanto a ideologia da brancura, são delírios psicopatológicos do branco. Como proceder, então?

A terceira corrente dos estudos sobre o negro, diz Guerreiro Ramos (1957:128, grifos do autor), “caracteriza-se pelo propósito antes de **transformar** a condição humana do negro na sociedade brasileira do que de descrever ou interpretar os aspectos pitorescos e particularíssimos da situação da gente de côr”. Esta corrente não se configurou tanto sob a forma de escritos, mas predominantemente sob a forma de comportamentos.

Para estudar o ‘problema do negro’ sem se deixar levar pela focalização no tema ‘raça’ e sem cair nas armadilhas das psicopatologias do ideal de brancura e do negro como ‘tema’, Guerreiro Ramos propõe recorrer a um expediente epistemológico, ideológico, político e ontológico sintetizado na ideia de **niger sum**. Esta experiência, pelo seu significado dialético, na conjuntura brasileira em que todos querem ser brancos, “é um procedimento de alta rentabilidade científica, pois introduz o investigador em perspectiva que o habilita a ver as nuances que, de outro modo, passariam despercebidas” (RAMOS, 1957:156).

Das trevas da brancura, nos libertaremos à luz da negrura. É a partir da afirmação da negritude que Guerreiro Ramos vê uma forma de romper dialeticamente com a patologia social dos brasileiros mais claros, os ‘brancos’ que Guerreiro Ramos coloca entre aspas por serem, na verdade, mestiços que se querem brancos. O inimigo fundamental a ser liquidado pelo *niger sum* não é o branco ou o ideal da mestiçagem, mas o ideal da brancura que nos impede de reconhecer nosso caráter mestiço (CAMPOS,

2015:102).

Para Guerreiro Ramos, a sociologia brasileira só alcançaria o status de uma disciplina autenticamente científica se se comprometesse com os problemas nacionais. “São os fatos mesmos que, em última análise, propiciarão o desaparecimento daquela anormalidade de nossa psicologia cognitiva” (RAMOS, 1957:190). A sociologia deveria contribuir para o desenvolvimento nacional a partir da produção de uma autoconsciência da nação a partir da Redução Sociológica. Sua defesa pelo *niger sum* decorre dos valores nacionalistas que singularizam sua teoria sociológica genuinamente brasileira.

Referências:

BRIGAGÃO, C. Da sociologia em mangas de camisa à túnica inconsútil do saber. In: GUERREIRO RAMOS, A. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995. 8-18 p.

CAMPOS, L. A. “O negro é povo no Brasil”: afirmação da negritude e democracia racial em Alberto Guerreiro Ramos (1948-1955) *Caderno CRH*, Salvador, v. 28, n. 73, p. 91-110, Jan./Abr. 2015.

DOU, Diário Oficial da União - Seção 1 - 15/7/1955, Página 13641. Decreto nº 37.608, de 14 de Julho de 1955.

FGV-CPDOC, *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

GUERREIRO RAMOS, A. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editorial ANDES Limitada, 1957 [Ed. UFRJ, 1995]

_____. *A redução sociológica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.